



Edgar Morin  
Sesc Pompéia  
30/10/2012

## Diários de um caminhante<sup>1</sup>

**[Apresentação de Danilo Santos de Miranda, diretor regional do Sesc em São Paulo]**

Boa noite a todos e a todas, bem vindos a esse nosso encontro com Edgar Morin. É um prazer muito grande estar aqui nesse momento, nesse dia tão caloroso aqui em São Paulo. Tenho muito prazer, muita alegria de poder dar início ao nosso encontro. Em primeiro lugar, eu diria para apresentar nosso querido Edgar Morin, que esta é uma coisa muito complexa. É realmente algo muito especial. Eu não sei se começo falando do amigo, do intelectual, do grande filósofo, do animador cultural mundial, da pessoa que está lançando hoje aqui conosco três publicações. Nós teríamos, por tanto, uma quantidade imensa de aspectos bastante complexos, todos os temas para poder apresentar para vocês todos e para aqueles que não conhecem Edgar Morin.

Nós do SESC temos um prazer enorme já há muitos anos de tê-lo como nosso amigo, nosso orientador, conselheiro, pessoa que tem trabalhado conosco em vários temas, que tem participado inclusive num trabalho, digamos, de preparação de nossas equipes, discutindo temas, discutindo questões, debatendo conosco a atualização da questão cultural no mundo, no Brasil, na relação do norte e sul, de países mais avançados, dos países periféricos, como lidar com essas questões destes encontros todos e diferenças no mundo cada vez mais conturbado e cheio de questões graves. Então, ele tem sido para nós um baluarte, tem sido para nós um farol, tem sido para nós um orientador importante nessas nossas reflexões. Tem sido também um grande pensador sobre todas as questões que hoje interessam ao mundo inteiro, a ciência, a tecnologia, a cultura, a política, as finanças, as relações entre norte e sul, as relações entre o sul e o sul. Todas essas questões estão presentes no pensamento do Edgar Morin, do sociólogo, do filósofo, antropólogo, alguém que está a tanto tempo refletindo sobre essas questões, de uma maneira tão profunda e de uma maneira tão séria. Por tanto a questão da complexidade se torna algo absolutamente fundamental e relevante. Temos por tanto muitas maneiras de abordar e eu simplesmente vou dar alguns toques e muito rápidos para que vocês logo possam ouvi-lo que é o que interessa nesse momento.

---

<sup>1</sup> Palestra proferida por ocasião do lançamento da coleção *DIÁRIOS DE EDGAR MORIN*, composta por três títulos: *Diário da Califórnia* | *Um ano Sísifo* | *Chorar, amar, rir, compreender* – **Edições SESC**

SP, 2012 Em primeiro lugar eu diria que esta apresentação estará disponível em nosso Portal, onde temos um espaço reservado especial, num sítio eletrônico exclusivo para a figura, o pensamento e a proposta do Edgar Morin [[www.edgarmorin.org.br](http://www.edgarmorin.org.br)] essas discussões estão lá. Portanto, vocês terão acesso a essas informações, que não mencionaremos aqui, nem mesmo aspectos de sua biografia para que a gente possa imediatamente chegar à sua fala. Em segundo lugar eu gostaria de avisar que este nosso encontro está sendo transmitido na web, pelo Portal SESCSP, e ficará posteriormente à disposição para aquele que desejar acessar. Finalmente, vou falar dos livros que estão aí à disposição. E tenho o prazer enorme de dizer que nós do SESC, a partir de todo um estímulo de tantos anos, estamos também não apenas preparando, discutindo, debatendo questões, apresentando propostas, como estamos também, através das Edições SESC SP, editando esta publicação, estes três diários.

O primeiro, o Diário da Califórnia relata o ano de 1994 quando Edgar foi convidado pelo Instituto Salk<sup>2</sup>, na Califórnia, para refletir sobre questões relativas à ciência, ao conhecimento, à cultura. É, portanto, um relato da sua vivência, dos seus encontros com o pensamento americano, com as características de um país como aquele, a sua trajetória pessoal de como ele, com um certo estranhamento no início, se aproxima da visão americana e da perspectiva da ciência dos Estados Unidos e com isso procura entender melhor a realidade daquele país. O segundo é O ano Sísifo, que aborda suas experiências no período de 1994-95, enfrentando dificuldades, refletindo sobre a realidade do mundo àquela altura. Trata-se de um relato daquela experiência e daquele momento especial. Vale a pena, portanto, conhecer esse momento e essa reflexão sobre toda a realidade do mundo, Europa, África, América, Ásia e o que estava acontecendo em todos os países naquele momento. E finalmente o terceiro livro, Chorar, amar, rir, compreender que também reflete, sobretudo, o ano de 1995 que é o ano em que essas reflexões são levadas em conta.

Nós não teremos condições de fazer uma sessão de autógrafos, eu lamento, mas não há possibilidade dado aos compromissos posteriores. O Edgar está indo amanhã cedo, para Natal para uma série de conferências e em seguida tem compromissos no Marrocos, no México, enfim, está vindo de Berlim... Trata-se de um homem do mundo, um homem com muita atuação, que depende, naturalmente, de cuidados especiais que nós teremos que ter. Então, nesse sentido, não temos a possibilidade de prolongar a nossa conversa e termos aqui /uma noite de autógrafos que seria muito desejada, por ele também, mas não é possível. E agora, vamos ouvir Edgar Morin e o que ele vai nos falar a respeito desta experiência extraordinária e dessas três publicações que estão aqui a disposição. Edgar, é com você. Obrigado.

---

**2** O Instituto Salk, voltado para pesquisas biológicas (Salk Institute for Biological Studies), na Califórnia (EUA), foi fundado por Jonas Salk e construído por Louis Kahn com o objetivo de servir a pesquisas biológicas nas áreas: biologia molecular, genética, neurociência e biologia de plantas. <http://www.salk.edu>

**[a palestra de Edgar Morin]**

Querido amigo Danilo, queridos amigos, pessoas aqui presentes, amigos, amigas e conhecidos, vou falar em francês.

Por que os diários? Por que escrever diários? No que me diz respeito, acho que quando eu era adolescente, a partir de doze, treze anos, eu era filho único, minha mãe morreu quando eu tinha dez anos, claro que eu tinha muitos colegas de escola, mas eu sentia uma grande solidão interior e eu não falava dos meus problemas com os meus amigos, dos meus problemas mais profundos, os mais vitais. Então, eu fiz um diário, eram notas, escrevia ali naqueles blocos e aquele bloco se tornou um confidente, meu confidente. Era a ele que eu confiava minhas preocupações, meus sofrimentos, meus pensamentos, minhas reflexões. E esse diário, esse confidente, era um tipo de amigo íntimo. Vocês sabem que depois, quando escrevi na máquina de escrever e depois de muitos anos, escrevi no computador, era evidente que não havia mais a presença física do bloco que eu levava no bolso, mas passou a ser de outra forma. Os diários, eu os mantive da adolescência até os vinte anos quando, sob a ocupação nazista na França, eu tomei a decisão de entrar para a resistência francesa, ou seja, correr riscos, ter uma vida extremamente ativa e abandonei o diário durante muitos anos. Mas retomei o diário, aliás, retomei uma primeira vez depois de uma hospitalização em Nova York, quando fiquei um mês em coma e eu disse para mim mesmo: depois de uma vida assim dispersada, o que eu devo fazer? O que é importante? O que é secundário? O que eu devo abandonar? Em que acreditar? Eram questões que eu sempre me colocava, então eu disse, bom, vou escrever um pouco para meditar. Depois voltei para a França, fiz minha convalescença na Cote D'azur, diante do mar Mediterrâneo e comecei a escrever essas reflexões. Depois saí pela primeira vez, porque eu ainda estava de cama e cadeira de rodas. Ali eu dei meu primeiro passeio a pé, ou seja, deixei aquela vida vegetativa para entrar numa vida animal. Andar ao sol, ver as plantas, as pessoas, vendo aquilo tudo, aquilo me fascinou e eu comecei a anotar tudo. E continuando as minhas reflexões, continuei, recomecei a minha vida, eu encontrava as pessoas, ia ao cinema, preparava as minhas refeições e daí fiz um tipo de diário que alternava essas meditações e a minha vida cotidiana, que eu publiquei dez anos mais tarde, tive claro algumas interrupções.

Mas no fundo, um diário, o que ele é fundamentalmente? Um diário, que a gente escreve cada dia da nossa vida é primeiramente uma luta contra o tempo, para fazer com que os dias que passam não se dissolvam inteiramente e que fiquem deles alguns vestígios, a partir dos quais eu poderia mais tarde ressuscitar pelo menos através da memória e da mente. Um diário significa querer correr atrás da vida que está passando, recolher migalhas dela, às vezes, na sua passagem. Vocês sabem, é verdade que quando eu releio, dez, vinte, quarenta, cinquenta anos depois essas notas do diário, eu sempre tenho um grande prazer de encontrar aquelas pessoas que estão ali, acontecimentos que de outra forma eu teria esquecido completamente. Um diário é também o que podemos chamar de um caldo de cultura, ali existem reflexões,

anotações, ideias, pensamentos, tudo isso. Aquilo de alguma forma poderá ser o germe de algo que virá mais tarde, mas que de qualquer maneira, para mim são interessantes sempre, porque ali também, aquilo me traz uma ideia que vem como uma andorinha, mas se eu não anotar a andorinha voa de novo e eu não sei mais o que era aquilo.

Então, vejam qual é o encantamento que esses diários tem para mim. Depois desse primeiro que eu escrevi, em 1962, passaram-se muitos anos, mas quando fui convidado a visitar o Instituto Salk, em San Diego, na Califórnia, e ficar lá um ano, eu disse: vão me acontecer coisas interessantes, é preciso que eu mantenha um diário. A primeira coisa interessante e desoladora que me aconteceu foi que no aeroporto, enquanto estávamos eu e minha mulher dentro do taxi, foi feita a chamada para o voo e quando chegamos à sala de embarque nos disseram, a nós e a mais quatro passageiros, que o avião estava lotado. Eles tinham feito um *overbooking* e havia mais pessoas do que lugares no avião, então, eu não parti imediatamente e fiquei com uma outra multidão de pessoas que tinham sido rejeitadas pelo avião. Tivemos de ir para um outro hotel, pegar um avião para ir a Chicago e em Chicago pegar um outro avião. Mas isso não era o interessante, o interessante é que ali eu vivi uma boa e dupla experiência. Qual foi a dupla experiência?

A experiência existencial: era uma época em que havia o que nós chamávamos de movimento hippie, a contracultura, e havia uma inspiração naquela juventude californiana que era sempre traduzida pelo nome de *Peace and Love*, paz e amor. Havia aquela ideia de vida comunitária, livre de qualquer limitação, de qualquer peso, uma vida mais simples nas suas relações, nas suas amizades, havia essa onda naquela época e havia também manifestações gigantescas. E às vezes eram cem mil jovens que se reuniam num parque com uma banda de rock que, claro, chegava sempre atrasada ou num estado segundo, digamos, e com uma sonorização muito potente e naquele momento éramos levados pela música e pelos êxtases coletivos. Eles viviam assim, havia muitas outras coisas, não vou contar para vocês o livro todo agora, mas havia algo ali, um momento maravilhoso, que não durou muito, mas um daqueles grandes momentos em que a gente se confraterniza, em que a gente olha o outro e todos se compreendem mutuamente. É preciso dizer que, com os amigos que conheci naquele instituto de biologia, os biólogos todos, nós passávamos o tempo juntos e quando eu voltava para casa eu mergulhava na onda, eu ia ver aquelas ondas enormes do pacífico também, ia nadar e a noite podíamos ir jantar, dançar, fumar. Foi um momento especial que durou alguns meses e evidentemente eu também tomei nota de tudo aquilo.

Também fiz descobertas no plano das ideias que eram muito importantes para mim, porque posso dizer, resumindo, que até então o que eu fazia era que eu tentava tratar as coisas complexas e aí está a complexidade das coisas. Mas eu não tinha a palavra. Nessa ocasião me veio a palavra por meio de alguns pensadores, que eram muito

marginais, muito pouco conhecidos, como Gregory Bateson, Heinz Von Foerster, todos eles me influenciaram. De uma certa maneira, eu nasci de novo intelectualmente, eu voltei para a França e começou para mim um novo período do meu trabalho intelectual.

Foi muito interessante notar dia a dia cada um dos acontecimentos. Eu também mantive um diário de pesquisa numa comunidade na Bretanha, que não foi publicado. Foi muito interessante utilizar o diário como instrumento de trabalho. Fiz um diário do livro quando escrevi Para sair do século XX. Quando fui convidado a visitar a China em 1991, fiz um diário da China. Meus diários sempre estão ligados a experiências e a descobertas de outros mundos, sobretudo porque essa viagem à China foi ainda mais interessante porque Deng Xiaoping acabara de abrir um novo período, uma mudança extraordinária, uma mudança total que desembocou na China de hoje. Em 1993, eu acho, o meu editor das Editions du Seuil pediu que eu fizesse um diário do ano de 1994 e ele havia pedido a vários autores que escrevessem cada um sobre um ano diferente. Isso me estimulou porque quando eu escrevia um diário, eu gostava de fazer isso e o meu diário é de um tipo muito particular, porque eu não escolho apenas os acontecimentos belos que me acontecem, os belos filmes que eu vejo, eu anoto também os pequenos acontecimentos da vida cotidiana, banalidades, as refeições, porque eu gosto muito de comer. Quando eu fico muito contente com uma refeição eu me expresso e quando eu não fico contente eu também me expresso. Então é toda uma camada da vida que está presente no diário, pude me dar conta muito mais conscientemente que antes, daquilo que faz parte da vida cotidiana.

A vida cotidiana é feita de uma série de descontinuidades, passamos de uma pequena coisa, um café da manhã, por exemplo, para um telefonema, vindo do Brasil. A gente escreve alguma coisa, depois tem um encontro. A vida é isso, depois escrevo, eu anoto. E me dei conta que nessa descontinuidade, as pequenas coisas muito próximas nos provocam grandes emoções e muitas vezes coisas longínquas, que deveriam provocar emoções mais fortes, provocam emoções mais atenuadas. Para dar um exemplo a vocês, eu gosto muito de ovos quentes e gosto muito porque quando a gente quebra a casca pode mergulhar o pão com manteiga em algo que ainda está viscoso, que é um ovo que não é muito cozido, ele é um pouco líquido e um pouco sólido. Ele precisa ficar cozinhando por três minutos e meio exatamente, eu fico furioso quando alguém cozinha esse ovo por quatro minutos. É uma bobagem, mas eu às vezes anoto esse tipo de coisa, porque essa é uma das minhas verdades, é uma das verdades do que eu sou. Ao mesmo tempo é uma lição de sabedoria, porque eu me digo, 'é ridículo, eu não posso me emocionar tanto por uma coisa tão pequena, tão secundária, eu preciso guardar minhas grandes emoções para as coisas mais importantes, não apenas da minha vida, mas os acontecimentos do mundo'.

Esse diário de 1994-95, cujos dois volumes estão sendo lançados aqui no Brasil, são realmente pedaços de uma vida, pedaços da minha vida, plenos de descontinuidade e

também preenchidos com viagens, com um retorno à Califórnia, com uma viagem ao Japão, sem falar do Brasil e de outros países europeus. Mas ao mesmo tempo, foi um período em que houve dois acontecimentos trágicos, a guerra da Iugoslávia que continuou, ela começou em 1990 e terminou em 1995. E houve também a tragédia de Ruanda, um verdadeiro genocídio que ocorreu nesse país. Acreditávamos, muitos acreditavam, que com a queda do império soviético entraríamos numa era de harmonia, de paz e nos demos conta de que começávamos uma nova era de barbárie. Para mim, eu posso dizer que a guerra da Iugoslávia foi uma tragédia pessoal, porque a Iugoslávia era um microcosmo da Europa. A Iugoslávia tinha ao leste os sérvios, que eram ortodoxos, que gostavam da cultura grega bizantina, no oeste havia os croatas católicos que haviam sofrido a influência da Áustria e da Romênia, no norte havia a Eslovênia, que também era diferente e na Bósnia havia muçulmanos que eram eslavos convertidos e que constituíam uma importante população do país. A Iugoslávia era então uma espécie de pequena união europeia. Lá já havia muitos casamentos mistos entre essas populações e esse país explodiu sob o impulso de nacionalismos regionais, sérvios primeiro, depois croatas. E houve a tragédia sofrida na Bósnia, no cerco de Sarajevo. Eu estive lá, mas isso não aparece nesse, mas em outro livro. E quando a Iugoslávia se desmembrou eu pensei que isso significava a morte da Europa, não a Europa econômica, que continuava, mas o sonho de uma Europa unida, de uma Europa capaz de unir a diversidade de seus povos e culturas. Essa Europa não existiria mais e hoje estamos numa crise da Europa, que não representa apenas a ausência de instituições comuns, mas essa ausência de instituições comuns afeta a economia, o euro. E essa guerra da Iugoslávia foi, de certa maneira, premonitória. Há um problema muito importante que se colocava quando eu escrevia esses diários. O primeiro diário que foi chamado *Le vif du sujet*, quando o escrevi, escrevi para mim mesmo, só depois foi decidido publicar. Mas, esses diários que fiz, o diário da China, o Ano Sísifo e em Chorar, amar, rir, compreender eu sabia que eles seriam publicados então havia a questão de em que medida eu devo colocar a minha vida particular nesses diários, será que posso falar das pessoas abertamente, não posso falar de coisas nefastas, nocivas para elas, devo tomar cuidado. Tenho uma parte da minha vida que permanecerá subterrânea, talvez alguns se decepcionem com isso, mas nada se passa abaixo da minha cintura nos meus diários. Então há uma vida mais ou menos clandestina, cada um tem sua parte de sombra, sua parte subterrânea e isso é o que não aparece nos diários. Mas é claro, há muitas outras coisas particulares e há o fato de que muitos aspectos da minha vida particular se tornam transparentes. Então, surge um problema, uma questão. Eu assumi plenamente essa questão, uma vez que de certa maneira sou discípulo de Jean Jacques Rousseau que escreveu as confissões e que tenta se mostrar como ele é. Aliás, o que é muito bonito em Rousseau é que ele estava persuadido de que falava toda a verdade sobre si mesmo, era muito sincero. Mas a sinceridade não basta para que digamos a verdade, porque nós mesmos mentimos para nós mesmos, nós nos enganamos. E é isso o que os anglo-saxões chamam de *self-deception*. Então, por mais sincero que eu seja, pode ser que eu ainda esteja fazendo um teatro, enganado a mim mesmo.

E eu sei que muitas pessoas escrevem suas memórias e também publicam seus diários. Muitas pessoas fazem isso para enaltecer sua própria estátua e eu preciso me 'desestatificar', eu preciso 'destransformar' essa estátua. De certa maneira eu preciso mostrar que sou um ser comum, normal. Bem entendido que em toda parte, eu recebo honras, sou aplaudido e, de certa maneira, isso me estatifica, me transforma em estátua, mas por outro lado, em minha vida, em Paris, eu pego ônibus, pego metrô, eu vou à feira, gosto de fazer a minha própria feira, gosto de falar com os feirantes, há uma série de bobagens que eu faço no meu dia a dia. É difícil então alcançar essa transparência. É preciso saber estar atento. A imagem no fundo é o problema, é o problema da imagem de si. Cada um tem a tendência de querer transferir uma bela imagem de si. Queremos nos mostrar belos como a lua, a lua mostra sua parte luminosa para o mundo, mas existe uma parte obscura. Quando vivemos uma história de amor, cada um dos apaixonados mostra sua parte luminosa, sua dimensão luminosa e às vezes, depois de algumas semanas, de alguns meses, começamos a descobrir a parte obscura um do outro e ficamos estupefatos, isso às vezes leva a separações. Esse é o problema, essa imagem de si. E acho que ao assumir o que existe de banal na minha vida, o que há de trivial, o que existe de insignificante, por exemplo, um ovo quente ao qual eu dou tanta importância, tudo isso faz parte da minha iniciativa de destransformar a minha estátua. Minha vida então é uma vida, uma vida individual. O que isso significa? Significa que há duas coisas mescladas, existe minha própria singularidade de indivíduo que se manifesta e ao mesmo tempo existe o que tenho em comum com todos os outros seres humanos, a curiosidade, a capacidade de amar, a revolta. Eu sou um microcosmo do ser humano. Montaigne dizia, cada um traz em si a condição humana. Eu trago em mim a condição humana não apenas pela minha singularidade individual, mas também pelo fato de ter sido educado numa dada cultura, na França, minha cultura é francesa, estou num tempo dado, no fim do século XX e todas as coisas singulares que me constituem. Isso não impede que problemas universais se manifestem, se coloquem, se apresentem.

Há também outra coisa que se expressa, algo que eu também tento compreender quando fiz a minha concepção do sujeito humano. O sujeito é aquele que diz 'eu' e quando eu digo 'eu', eu me coloco no centro de meu mundo, dizer 'eu' é o ato de egocentrismo no sentido literal: o ego se coloca no centro de seu mundo. É evidente que ninguém escapa, de certa maneira, de um egocentrismo vital, se nutrir, se defender, se proteger, cuidar de si, da própria saúde. Mas se estivéssemos limitados a isso seríamos monstros egoístas. Mas há um segundo princípio, não existe apenas o princípio do 'eu', existe um segundo princípio, o princípio do 'nós'. E esse segundo princípio aparece no recém nascido, os estudos atuais sobre a etologia infantil, sobre o comportamento do recém-nascido, que é muito mais malandro, muito mais inteligente do que imaginamos. O recém-nascido precisa do sorriso, precisa do carinho, precisa da carícia, precisa do amor do outro. E assim o 'nós' se desenvolve na família, o 'nós' se desenvolve na pátria, o 'nós' se desenvolve eventualmente no partido político, numa comunidade de amigos. E o 'nós', se tivermos uma consciência humanista verdadeira,

o 'nós', são os seres humanos que atualmente vivemos neste planeta na era da globalização.

Essa dualidade, portanto, é que é revelada pelo diário. Eu fiquei ainda mais consciente dela pelo fato de num livro anterior ter tentado definir essa noção de sujeito que é considerada de maneira superficial, ao meu ver, até hoje. O que eu pratiquei? É aqui que podemos ver a relação entre esses diários e, no fundo, o conjunto do meu pensamento e da minha obra. Eu sou animado por uma ética da auto-observação, acredito que essa prática é necessária em função daquilo que acabei de dizer. Cada um acredita conhecer a si mesmo, mas na verdade se conhece muito mal. Por que? Porque nós mascaramos nossas carências, nossos defeitos e ressaltamos aquilo que nós acreditamos ser as nossas qualidades, ou um teatro das nossas qualidades. No fundo, cada um se conhece muito mal. O que é uma pena é que na nossa cultura, na nossa sociedade, não se ensina as crianças a tentar se observar, por exemplo, por meio de um diário. Se eu fizesse uma reforma no ensino, eu diria aos professores que pedissem aos alunos, assim que eles comessem a escrever, que eles mantivessem um diário, que todas as semanas eles trocassem os diários entre si para entender como cada um viveu os mesmos acontecimentos. Porque isso é que é interessante também, o mesmo acontecimento, um acidente de carro, por exemplo, é visto de uma maneira diferente por aqueles que estavam dentro do carro, pelos observadores. Nós sabemos que existe esse problema da percepção, por isso é muito importante se auto-observar para se tornar capaz de observar os outros. E se começamos a compreender que cada um de nós tem suas carências, suas misérias, suas fraquezas, se sentirmos isso em nós, seremos muito mais compreensivos para com as fraquezas, os erros, as misérias do outro.

Existe toda uma ética implícita num diário e explícita no meu livro sobre a ética que é o último livro de O método. Eu diria também que isso faz parte da ética do conhecimento, um princípio fundamental que eu pude afirmar e desenvolver nos volumes de O método. O conhecimento de um objeto é insuficiente, é preciso que o sujeito que conhece tente observar a si mesmo no ato de observar, que ele tente conhecer a si mesmo no ato de conhecer. Porque um conhecimento nunca é uma fotografia da realidade. Até mesmo uma percepção visual é uma transformação, é uma tradução de toda uma série de estímulos ópticos que chegam a nossa retina, e que são traduzidos em código binário, transportados pelo nervo ótico até o cérebro que faz uma reconstrução. Em outras palavras, se eu vejo as pessoas nesta sala o meu olho vê as pessoas da primeira fila muito maiores do que aquelas que estão no fundo da sala, que estão bem menores, quanto mais longe menor ao olho. Mas aí é que, automaticamente, minha mente reestabelece a constância perceptiva e eu sei que os que estão lá no fundo não são anões e os que estão aqui na frente não são gigantes. Se soubermos isso, que todo conhecimento é uma tradução, uma reconstrução vinda através da percepção, isso é válido para as teorias, então é preciso conhecer um pouco como fazem os tradutores, os reconstrutores. O que já havia feito por seu lado o

filosofo Kant. Então é preciso certo número de pessoas que trabalham com o cérebro, como Antonio Damásio, para citar pessoas recentes. Então isso está no nosso sistema profundo. Não há conhecimento sem autoconhecimento é um ciclo permanente entre a coisa que estamos observando e o sujeito que quer conhecer. Sempre o sujeito autocrítico.

Eu digo que esses diários, e vou dizer isso de outra forma, eles tentam integrar a experiência com a consciência, com a inteligência. É evidente que os diários da Califórnia contribuíram para fazer com que eu integrasse tudo o que aprendi como sujeito vivido e aquilo tudo faz parte agora da minha vida. Mas devo dizer também que a guerra da Iugoslávia foi uma experiência muito profunda, para mim que acreditava que a Europa poderia ter criado uma federação que teria sido um modelo para a América Latina, para a África do Norte, para tantos países que têm necessidade de se unir. Se vocês concordam, acredito que isso faz parte, todos esses diários, estão profundamente integrados. Eu acho que foi Nietzsche que dizia que não fazia diferença entre sua vida e sua obra. Quando vocês têm também muitos acadêmicos, muitos escritores que de um lado escrevem coisas muito belas e de outro lado tem uma vida que não corresponde absolutamente em nada às suas ideias e princípios. No que me diz respeito, a minha vida sempre fecundou meu pensamento e meus pensamentos sempre tentaram fecundar a minha vida. E isso desde muito jovem, porque quando eu era jovem, quando passei pela resistência francesa, o ciclo em que fui comunista, tudo aquilo foram experiências muito profundas. E das quais eu tentei tirar uma lição que está num livro chamado *Autocrítica*, que é cheio de observações, eu tento entender como eu me converti ao comunismo durante a guerra e como eu me desconverti depois. De fato, nestes diários sou fiel a minha obra. O livro *Amar, chorar, rir, compreender*, é um pouco para marcar a insuficiência de um princípio formulado por um dos grandes pensadores, para mim ao menos, que é Espinosa, pelo qual tenho não só uma admiração enorme, mas também considero um pensamento fundamental para mim. Espinosa disse '*não chorar, não rir, mas compreender*'. E eu digo que a emoção, o sofrimento, o amor, podem ajudar a compreender, nem sempre assim necessariamente, porque o amor pode ser cego. Isso quer dizer que o amor pode ser ajudado pelo racionalismo. Uma das minhas divisas é '*não há razão sem paixão nem paixão sem razão*' e o sofrimento pode nos educar para entender o sofrimento de outros. Mas às vezes o sofrimento não basta que seja vivido para entender o sofrimento dos outros. Foi Victor Hugo que disse '*o oprimido de ontem é o opressor de amanhã*'. E às vezes um dominado se transforma num dominador, num carrasco, vejam o oriente médio por exemplo. Esse é o problema da compreensão que deve mobilizar os sentimentos, a paixão. Não há uma razão fria, uma sabedoria fria é preciso estar na vida, arriscarmo-nos na vida. Essa é a primeira lição para compreender.

A segunda lição é um livro que se chama *O ano Sísifo*, ele se chama assim porque eu tenho a impressão de que quando ele estava terminado era preciso recomeçá-lo. O

problema da Iugoslávia não tinha sido resolvido, nem o de Ruanda havia avançado. Foi um ano cheio de acontecimentos, mas não se sentia nenhum progresso, mas até regressão. Desse lado Sísifo, mas não só por esse ano, havia um problema mais genérico, eu acho que tudo deve sempre recomeçar, no sentido que nada é irreversível. É como uma democracia, ela não é irreversível, ela pode se esclerosar, ela pode secar, se degradar, é preciso que ela seja revitalizada e meu o princípio é 'o que não se regenera, degenera'. É como Sísifo, ele sobe a montanha com seu rochedo e lá no alto a pedra cai e ele tem de recomeçar. Ele faz um trabalho necessário, não há vida sem esse recomeço permanente. E depois há essa ideia permanente de afrontar a complexidade.

No final do meu livro *Chorar, amar, rir, compreender* tratei da complexidade e de um grande homem de status que foi presidente François Mitterrand. Porque ele morre ali, mas é preciso dizer também que no diário anterior. Antes de falar disso é preciso dizer que conheci François Mitterrand muito de perto na resistência, ele havia me impressionado muito por sua coragem, ele tinha um lado corajoso. E aqueles que estavam com ele foram mais do que seus discípulos, ficaram realmente ligados a ele. Ele era alguém muito corajoso, mas havia também esse lado ambicioso nele. Eu conheci o lado bom. Depois ele se tornou um político, um homem de Estado, presidente. E havia um jornalista que quis fazer um livro sobre ele, sobre sua juventude, sobre sua juventude francesa, porque antes de pertencer à resistência o Mitterrand esteve em Vichy, como muitas outras pessoas que antes de se tornarem resistentes foram para Vichy, que havia sido invadida por alemães. Havia outros generais como de Lattre de Tassigny e outros que estavam do outro lado. Pois bem, esse escritor veio me ver, porque eu sabia de algumas coisas. E quando ele fez o livro, houve naquele momento muitas pessoas no seu partido que diziam: como é possível? Nós todos sabíamos daquelas coisas, mas as novas gerações vivem às vezes numa ignorância cultural e não falo só dos jovens, pessoas que hoje têm quarenta e cinco, cinquenta anos e que ignoram um passado fundamental. Eu defendi a honra de Mitterrand. Na época ele foi muito atacado, ele mesmo defendia-se, mas eu tive a oportunidade de, mesmo depois de sua morte, pensar na complexidade daquele homem. Por um lado era um padrinho, como o filme, o chefão, ele tinha seu chicote, ele era fiel em suas amizades, mas fiel em seus ódios também. Ele podia ser capaz de tudo, do melhor e do pior. Eu conheci esse homem. Então, eu tento nas últimas páginas do diário, mostrar essa sua complexidade. O que alguns viam naquele bom Mitterrand, e outros no mau Mitterrand e tentar entender.

Se vocês acompanharem, a complexidade está sempre presente nestes diários e vocês sabem, o grande problema da vida é reconhecer a complexidade, a complexidade da cidade, a complexidade humana, da vida. Finalmente, acredito que, depois, a leitura desses diários, permitiu tentar me reconhecer e reconhecer o que é importante e o que é secundário. O que já estava no primeiro diário, às vezes eu me deixava levar, dispersava-me. Depois havia períodos de concentração, agora estou num período de

dispersão. Mas me permitiu reconhecer o que era importante e o que era secundário. Isso quer dizer, será que isso é necessário também na idade em que estou? Acredito que o amor e a amizade são as coisas mais importantes. Hoje mesmo recebi pela Internet um comunicado de um amigo, o desenhista Siné, não sei se vocês conhecem. Siné é um desenhista panfletário, um cartunista, anarquista. Ele fez um comunicado porque neste momento ele está sofrendo de uma leucemia aguda, muito grave que infelizmente talvez possa levá-lo daqui. Então, ele lançou esse comunicado: "a morte me chamou e disse: 'vem, meu querido'. E eu respondi a ela, 'morra você'". Nesse comunicado, que é algo incrível, ele disse isso: "agora, no estado em que eu estou sou obrigado a liquidar, a me livrar de todas as coisas secundárias, de tudo o que não é importante e ficar só com as coisas importantes e as importantes são essas – o amor, a amizade, os companheiros". Aí está, essa é a lição final.

**[Encerramento de Danilo Santos de Miranda]**

Grande Edgar, muito obrigado pelo seu testemunho, pela generosidade de fazermos compartilhar das suas ideias, dos seus sentimentos, da sua percepção. É absolutamente extraordinária, para todos nós, a sua presença e a satisfação de dividir suas revelações conosco. Muito obrigado. Eu diria que todos nós estamos profundamente tocados, emocionados e agradecidos por essa oportunidade. Você pode contar realmente com todo público aqui presente e outros que estão nos vendo aí pelo mundo afora, não apenas na sala aqui ao lado, mas também em outros lugares desse país e desse mundo. É um prazer muito grande compartilhar com você esse momento e uma alegria tê-los aqui para dividirmos o prazer de ouvir Edgar Morin. O registro, em seguida, estará na web, além de estarem disponíveis as publicações que foram objetos destas considerações.

Gostaria também de ao terminar esse encontro, dizer para vocês que todo esforço para estarmos juntos aqui se deve, em grande parte, ao entusiasmo do Edgar de poder estar aqui conosco com toda sua vitalidade, com todo seu empenho. Há muita gente, testemunhando esse momento, e, claro que eu gostaria de mencionar todos vocês, mas não é possível. Mas gostaria de ressaltar, além da nossa equipe do SESC, todos que trabalharam nas diversas áreas, seja na publicação, no setor especializado, em toda a infraestrutura necessária para que isso acontecesse. Quero ressaltar duas presenças importantes necessárias para que vocês entendessem a força e o magnetismo do Edgar. Primeiro, da Nurimar Falci, tradutora do livro Chorar, amar, rir, compreender, que está aqui conosco e é a figura que intermedeia nossa relação com Edgar. Em segundo lugar, da querida Claudia Fadel, funcionária do SESC, diretora da Escola SESC de Ensino Médio, no Rio de Janeiro. Ela deve a Edgar a sua iniciação, seu caminho por uma educação renovada. Eu sei do sacrifício que significou para a Claudia, em particular, vir do Rio e estar aqui nesse momento. Muito obrigado. É um prazer muito grande termos vocês aqui. Um beijo para todos. Edgar, obrigado, mais uma vez.